

O Sonho do Primo Levi: indagações sobre o ressentimento na História

Marina Haizenreder Ertzogue - UFT

Em *É Isto um Homem?* Primo Levi,¹ um dos maiores narradores do Holocausto, se recorda de como descobriu, para seu espanto, que a maioria dos prisioneiros de Auschwitz tinha um mesmo sonho: depois de sobreviver miraculosamente ao campo de concentração, estão em casa, contando suas experiências terríveis para amigos e familiares quando subitamente notam que os ouvintes estão completamente indiferentes e entediados, conversando entre si como se o sobrevivente não estivesse ali ou simplesmente houvesse abandonando a mesa e ido embora. Primo Levi questiona: *Porque o sofrimento de cada dia se traduz, constantemente em nossos sonhos, em cenas sempre repetidas da narração que os outros não escutam?*² No caso do Primo Levi outra interpretação do seu testemunho onírico também é possível: o trauma que encontramos no sonho é, em certo sentido, mais real que a realidade social externa.

Essa cena repetida da história que ninguém escuta também está no poema Celan, em *Papoila e Memória*, a recusa dos ouvintes é transmitida por uma linguagem fragmentada pelo sentimento da ausência³ Cito o poema:

*Procurei os teus olhos quando os ergueste e ninguém te olhou,
Estendi aquele secreto fio por onde o orvalho que imaginaste escorreu para os
jarros guardados pela palavra que nenhum coração acolheu.
Só aí entraste plenamente no nome que é o teu / te dirigiste para ti a passo
firme...*

No contraponto da dor que paralisa o ser, a arte se oferece como terreno propício para a manifestação do grito sufocado. Da criação provém o ato libertário e

transgressor com o qual se relêem as dores do mundo. Para Adorno, um dos mais representativos pensadores da Escola de Frankfurt, os poemas de Celan querem dizer o extremo assombro pelo silenciar.⁴

O significado do silêncio oscila entre a reflexão e a resignação que revitaliza ou aniquila. E no silêncio que se pode ouvir a própria dor.⁵ O silêncio é também o vazio diante daquele que perdeu inteiramente o poder de nomear. Walter Benjamin aponta para o fim da narração tradicional. No texto *o narrador* o autor expõe a sua indagação: Por que os sobreviventes que voltaram das trincheiras, voltaram mudos? Será porque aquilo que vivenciaram não podia ser mais assimilado por palavras? Para Benjamin, a resposta está no sofrimento causado pela guerra e na dor indizível da crueldade dos campos de concentração. Para acolher as vozes sem escuta, o historiador tem a possibilidade de construir outras formas de narração. Jeanne Marie Gagnebin,⁶ aponta nessa perspectiva quando analisa o texto *o narrador* de Benjamin.

A construção de uma outra forma de narração em contraposição à narração tradicional parte de uma abordagem histórica que contemple os elementos de sobras do discurso histórico, que na concepção do próprio Benjamin é tudo aquilo que não tem nome, aqueles que não têm nome, o anônimo, aquilo que não deixa nenhum rastro, aquilo que foi tão bem apagado que mesmo a memória de sua existência não subsiste, aqueles que desapareceram por tão completo que ninguém se lembra de seu nome. Nessa mesma perspectiva eu incluo também o estudo dos sentimentos e dos ressentimentos daqueles que esperam uma escuta para contar sua história. Negar a experiência e a linguagem ao homem é destitui-lo da possibilidade da rememoração, do poder de lembrar.

A lucidez atroz contra a ausência de memória mesmo suportando a dor lancinante à exposição das feridas do corpo e da alma estão presentes nos poemas de Paul Celan e nos relatos do Primo Levi e nas indagações de Walter Benjamin. O que existe em comum entre os três autores? É o fato de terem sucumbido à memória do Holocausto. Na fuga para morte, Paul Celan, Walter Benjamin e Primo Levi, o

último a suicidar-se, entre os três homens, demonstraram ao mundo a impossibilidade de suportar a experiência inumana do holocausto.

Pela primeira vez, então, nos damos conta que a nossa língua não tem palavras para expressar esta ofensa, a aniquilação de um homem. Nessa frase Primo Levi ⁷ expressa o que Rina Rando Martinez André definiu como literatura do testemunho. ⁸Os sobreviventes do holocausto viveram o drama de não encontrar a palavra adequada para descrever a barbárie em sua totalidade e relatar a experiência que precisa ser narrada, não simplesmente através de fatos, mas, mostrar a angústia da morte, a dor mais intensa e a violência mais atroz.

*Tudo era silêncio, como num aquário e como em certas cenas de sonhos*⁹. A memória provoca recordações e esquecimentos. O que aceitamos e assumimos do passado, assim, como tudo aquilo que negamos e ocultamos. Refletir sobre o sonho de Levi significa duas coisas: primeiro que o sonho acaba sendo lido pelo historiador como representação.

No tratado sobre os sonhos Sinésio de Cyrene (370-414) adverte aos leitores de sonhos que todo o homem e mesmo toda a mulher, é capaz de interpretar seus próprios sonhos, pois, o sono e os sonhos são os domínios por excelência da liberdade individual, ninguém mais, a não ser o próprio sonhador, teria direito a vasculhar o sentido dos seus sonhos. ¹⁰ No segundo sentido, a possibilidade da interpretação do sonho de Levi pode ser também entendida pela identificação com a vivência do cotidiano e os traumas que a memória se nega a apagar. No seu livro *A Trégua* Levi relata a sua volta para Turim após a libertação do campo de concentração nazista de Auschwitz, Levi finaliza a obra narrando um sonho que não cessou de visitá-lo mesmo após a sua volta:

É um sonho dentro de outro sonho. Estou à mesa com a família, ou com amigos, mas, mesmo assim, sinto uma angústia sutil e profunda, a sensação definida de uma ameaça que domina. E, de fato, continuando o sonho, pouco a pouco ou brutalmente, todas às vezes de forma diferente, tudo desmorona e se desfaz ao meu

redor, o cenário, as paredes, as pessoas, e a angústia se torna mais intensa e mais precisa. Tudo agora tornou-se caos: estou só no centro de um nada turvo e cinzento. E, de repente, sei o que isso significa, e sei também que sempre soube disso: estou de novo no campo de concentração, e nada era verdadeiro fora do campo de concentração. ¹¹ Na interpretação desse sonho Levi experimenta a sensação de clausura dentro da realidade do campo de concentração, mesmo após ter retornado à sua casa.

Na teoria de Freud, o sonho também pode atuar como um instrumento para libertação das angustias. Sobre a temporalidade do conteúdo manifesto: os sonhos são, na sua maioria, um drama, uma história com um começo e um fim, uma totalidade de acontecimentos vividos que permite revelar uma atitude em relação aos acontecimentos do passado, presente e futuro, sentimentos de amargura, angústia, entusiasmo, tristeza que reapareceram em outros níveis de análise dos sonhos. ¹²

Podemos inferir que existe um novo olhar sobre os sonhos. Os diários íntimos dão conta dessa revolução. Edmond de Goncourt e Jules Renard afirmam que o sonho, este *baú de lembranças* lhes fala de si próprios. Os cenários oníricos permanecem, todavia, indecifráveis. A precisão da transcrição nos relatos dos diários e as trocas epistolares exprimem o interesse profundo e crescente pelo onírico como fonte para a história. ¹³Uma fonte fragmentada que vem à tona na memória, na oralidade ou no escrito.

No sonho do Primo Levi, o conteúdo latente é a indiferença dos ouvintes. Retomando a parte inicial desse texto recorreremos a uma análise feita por Jeanne Marie Gagnehin quando ela indaga sobre essa forma de narrativa, a voz que ninguém escuta, a ausência de interlocutores que atormenta Levi em seus devaneios oníricos. No sonho de Primo Levi, a função dos ouvintes seria a de escuta, em vez disso e para o desespero do sonhador, todos vão embora, não querem permitir que essa história ofegante e ameaçada por sua própria impossibilidade, alcance-os e ameace também sua linguagem, ainda tranqüila, mas, adverte a autora que apenas dessa forma essa

história poderia ser retomada e transmitida em palavras diferentes.¹⁴ Para o sobrevivente do holocausto, a narração combina memória e esquecimento. A afirmação de Marcio Seligmann-Silva encontra ressonância em umas das passagens mais significativas do livro *Afogados e sobreviventes*. Primo Levi afirma não saber se os testemunhos são feitos por uma obrigação moral para com os emudecidos, ou, então, para nos livrarmos de sua memória. Conclui Levi que o testemunho é motivado por um impulso forte e duradouro.¹⁵

Uma abordagem que contemple os ressentimentos na história é indubitavelmente uma questão sensível. Para Todorov é preciso relativizar sobre a posição da vítima e do algoz. Para o autor o termo tragédia não designa apenas o sofrimento e a aflição, não apenas a ausência do bem; esta pode também insinuar-se no relato da vitimização. Todorov afirma que a tragédia reside na impossibilidade do bem: qualquer que seja o desenlace escolhido, ela gera lágrimas e morte.¹⁶

Paul Ricoeur quando trata da história, memória e esquecimento ele acrescenta outro indicativo para a elucidação do desumano da história. O autor faz referência a fragilidade da memória e da identidade. Aplica como causa dessa fragilidade a herança da violência fundadora. Com a guerra o que celebramos com o nome de acontecimentos fundadores, são na sua essência, atos violentos, legitimados por um Estado de direito. Desse modo, os mesmos acontecimentos significam para uns, glórias e para outros, humilhação. A celebração por um lado, corresponde a execração do outro, assim se armazenam nos arquivos das memórias coletivas, feridas reais e simbólicas. São, assim, as humilhações, os atentados reais ou imaginários contra a estima de si, os baixos golpes da alteridade mal tolerada, o que faz trocar rapidamente, da acolhida para o rechaço.¹⁷

Outra questão sensível é posta por Eugênia Vilela¹⁸ para abordar a voz sem escrita. Como pensar o acontecimento inumano num corpo como campo de batalha onde todas as memórias se inscrevem? Como circunscrever o sentido de uma não palavra? É necessário reconverter o silêncio em voz daqueles que viveram o

acontecimento. Os acontecimentos são concretos. O inumano é o acontecimento plural, ele não pode ser mais uma figura que se perde na abstração da dor. Eugênia Vilela.¹⁹ Tomo de empréstimo o questionamento de Juan Antonio Traveso²⁰ para concluir as indagações contidas nesse texto. A memória serve para tornar o homem mais nobre e mais humano? Diante das tragédias de Auschwitz, Hiroshima, Vietnam, Bósnia, Kosovo, Irlanda, Ruanda, Armênia, Afeganistão, Iraque, Chechenia, Índia, Beslan. Olhando a geografia da catástrofe fica evidente a impossibilidade de uma resposta afirmativa à indagação sobre o uso da memória. Tudo parece desmentir, embora sua invocação sempre é humana. A pior das ameaças é a negação é o despojamento das vítimas de seu passado e os mortos de sua morte.

Em um poema que define a sua poética, Celan escreveu: *Nos rios ao norte do futuro / eu lanço a rede que tu / hesitante carregas / com sombras escritas por / pedras.* (CELAN II, p. 14). Se nesse poema, de acordo com a interpretação de Marcio Seligmann, as sombras remetem às letras sobre o papel branco, as pedras, por sua vez, como ocorre freqüentemente na poética de Celan, representam o túmulo, as lápides que a sua poesia busca levantar para os milhões de judeus que morreram sem direito a serem enterrados.²¹

Expondo as feridas, a dor, a vergonha e a humilhação do povo judeu no passado; pensadores, filósofos e poetas estão restituindo fragmentos de uma memória dolorosa para lembrar homens, mulheres, crianças, jovens, idosos, judeus e não judeus. Em fim, a todos, que não tiveram o seu nome pronunciado para recordar e ao próprio corpo foi negado até a preparação para a morte. Considerando que memória deveria ter uma função ou utilidade, certamente, uma possibilidade seria a de retirar da escuridão da história todas as almas errantes que transitaram pela geografia da catástrofe.

¹ Primo Levi, judeu italiano nascido em 1919 foi um passageiro do holocausto. Deportado em 1944 para Auschwitz. Durante a viagem de comboio por dentro da fria noite, seguiu com homens, mulheres e crianças, apinhados como animais em vagões de carga com destino ao campo concentração onde se encontrava escrito: "*Arbeit macht Frei*" (o trabalho liberta). Primo Levi também fez essa viagem, mas foi dos poucos que regressaram com vida. No seu vagão eram quarenta passageiros e só quatro regressaram. Seu primeiro livro de testemunho: *É isto um homem?* A temática desse livro aborda a

resistência judaica e foi publicado na Itália em 1947. Em 1948, Levi exerce duas carreiras simultaneamente, a de químico e a de escritor. Outro livro retomar a sua experiência dos campos de concentração. Os afogados e os sobreviventes. Primo Levi faleceu em 1987.

² LEVI, Primo. *É isto um homem?* São Paulo: Rocco Editora, 1988, p. 60.

³ Um dos mais importantes poetas da língua alemã da segunda metade do século XX Paul Celan nasceu na Romênia em 1920. Filho de família de origem judia do leste europeu. Seus pais foram deportados pelos nazistas durante a Segunda Guerra Mundial, enquanto ele ficou preso em um campo de concentração. Seus pais e parentes foram executados pelo regime nazista. Paul Celan exilou-se em Paris. Trabalhou como professor e tradutor de literatura alemã na Ecole Normale Supérieure. Em 1970 Paul Celan suicidou-se em Paris, atirando-se no rio Sena.

⁴ ADORNO, T. W. *Ästhetische Theorie*. Frankfurt a M. Suhr-Kamp, 1970, p. 477 apud. GAGNEHIN, Jeanne Marie. Após Auschwitz . in: SELIGMANN-SILVA, Marcio. (org.) *História, Memória, Literatura: o testemunho na era das catástrofes*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2003, p.

⁵ Idem., p. 122.

⁶ LUCCHESI, Ivo. Os sentidos da dor e duas traições: Rousseau e Machado. *Comum*. Rio de Janeiro. V. 5, nº 14, p 122 –123, jan/jul 2000.

⁷ Cf. LEVI, Primo. *Os afogados e os sobreviventes*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990, p. 57.

⁸ ANDRE, Rina Landos Martinez. *El Testimonio Roque daltony la representación de la catástrofe*. São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, tese de doutorado, 2002, p. 40.

⁹ LEVI, Primo. *É isto um homem?* São Paulo: Rocco Editora, 1988, p. 18.

¹⁰ QUEIROZ, Tereza Pereira Aline. *A inquietude desperta. O sonho na matéria da história*. (mimeo) XV Encontro Regional de História da ANPUH, São Paulo: USP, 2000, p. 07.

¹¹ LEVI, Primo. *A Trégua*, trad. M. Lucchesi, São Paulo: Companhia das Letras, 1997, p. 258. Cf. poesia citada por: SELIGMANN-SILVA, Marcio. In: *Literatura e Trauma: um novo paradigma* Revista di studi Portoghesi e Brasiliani. III 2001. Pisa /Roma. Instituti Editoriali e Poligrafici Internazionali. 2002, p. 115.

¹² MALRIEU, Philippe. *A Construção do Imaginário*. Lisboa: Instituto Piaget, 1998, p. 30.

¹³ RIPA, Yannick. *Pré-História do Sonho. L'Histoire, n. 246, sep./2000. Traduzido por Mônica Macedo*.

¹⁴ GAGNEHIN, Jeanne Marie. *Memória, História e Testemunho*. BRESCIANI, Stella e NAXARA, Márcia. (org.) *Memória e Ressentimento*. Campinas: SP, Editora da UNICAMP, 2001, p. 93.

¹⁵ SELIGMANN-SILVA, Marcio. *História, Memória, Literatura*. Op., cit, p. 53.

¹⁶ TODOROV, Tzvetan. *Memória do bem e tentação do mal*. São Paulo: ARX editora, 2002, p 171.

¹⁷ RICEUR, Paul. *La memoria, la historia, el olvido*. México: Fondo de Cultura Ecoomica, 2004, p. 111.

¹⁸ VILELA, Eugenia. *Corpos inabitáveis: errância, filosofia e memória*. In: *O Enrahonar*, 30, Porto, 2000, p. 45.

¹⁹ Idem. p. 45

²⁰ TRAVIESO, Juan Antonio. *26 ° Conferencia Internacional de Protección de Datos Wroclaw. Privacidad Individual y la necesidad de hacer las cuentas con el pasado»* *Memoria, Olvido y Archivo.* , 2004, p. 2.

²¹ SELIGMANN-SILVA, Marcio. *Literatura e Trauma: um novo paradigma*. Op., cit., p. 17.

BIBLIOGRAFIA

ANDRE, Rina Landos Martinez. *El Testimonio Roque daltony la representación de la catástrofe*. São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, tese de doutorado, 2002.

CYTRYNOWICZ, Roney. *O Silêncio dos sobreviventes: diálogos e rupturas entre memória e história do holocausto*. SELIGMANN-SILVA, Marcio. (org.) *História, Memória, Literatura: o testemunho na era das catástrofes*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2003.

GAGNEHIN, Jeanne Marie. *Memória, História e Testemunho*. BRESCIANI, Stella e NAXARA, Márcia. (org.) *Memória e Ressentimento*. Campinas: SP, Editora da UNICAMP, 2001.

JULIA, Dominique. *Passados recompostos: campos e canteiros da história*. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ/ Editora da FGV, 1998.

LEVI, Primo. *É isto um homem?* São Paulo: Rocco Editora, 1988.

_____. *Os afogados e os sobreviventes*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

_____. *A Trégua*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

LUCCHESI, Ivo. *Os sentidos da dor e duas traições: Rousseau e Machado*. *Comum*. Rio de Janeiro. V. 5, nº 14, p 122 –123, jan/jul 2000.

MALRIEU, Philippe. *A Construção do Imaginário*. Lisboa: Instituto Piaget, 1998.

QUEIROZ, Tereza Pereira Aline. *A inquietude desperta. O sonho na matéria da história*. (mimeo) XV Encontro Regional de História da ANPUH, São Paulo: USP, 2000.

RICEUR, Paul. *La memoria, la historia, el olvido*. México: Fondo de Cultura Ecoomica, 2004.

RIPA, Yannick. *Pré-História do Sonho. L'Histoire, n. 246, sep./2000*.

SELIGMANN-SILVA, Marcio. (org.) *História, Memória, Literatura: o testemunho na era das catástrofes*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2003.

_____. *Literatura e Trauma: um novo paradigma* Revista di studi Portoghesi e Brasiliani. III 2001. Pisa /Roma. Instituti Editoriali e Poligrafici Internazionali. 2002.

TRAVIESO, Juan Antonio. 26 Conferencia Internacional de Protección de Datos Wroclaw. *Privacidad Individual y la necesidad de hacer las cuentas con el pasado Memoria, Olvido y Archivo.* , 2004.
TODOROV, Tzvetan. *Memória do bem e tentação do mal.* São Paulo: ARX editora, 2002.
VILELA, Eugenia. *Corpos inabitáveis: errância, filosofia e memória.* In: O Enraonar, 30, Porto, 2000.